

IDENTIFICAÇÃO DE RECURSOS PARA ORIENTAÇÕES DE ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE NA CIDADE DE PELOTAS, RS

LETÍCIA WILLRICH BRUM¹; **FRANCINE SILVA DOS SANTOS²**; **DENISE PETRUCCI GIGANTE³**; **GICELE COSTA MINTEM³**

¹*Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Nutrição. Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos – leticia.brum94@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas. Departamento de Medicina Social. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia – nutrifrancinesantos@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas. Departamento de Medicina Social. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia – denisepgigante@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Nutrição. Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos – giceleminten.epi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Os hábitos alimentares são adquiridos desde a infância e têm repercussão no crescimento, desenvolvimento e ocorrência de enfermidades na infância e vida adulta (ROSSI; MOREIRA; RAUEN, 2008). Assim, é importante que as crianças recebam uma alimentação adequada, em conformidade com as recomendações de aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade e a introdução de alimentos seguros de forma gradual a partir do sexto mês complementando o aleitamento materno até dois anos de idade (BRASIL, 2002). Entretanto, na cidade de Pelotas, estudo mostrou que crianças menores de seis anos tiveram um aporte energético maior de alimentos ultraprocessados na dieta e menor aporte de alimentos *in natura* e minimamente processados (KARNOOPP *et al.*, 2017).

Diante disso, deve existir uma aliança interdisciplinar para a promoção e proteção de alimentação e nutrição adequadas nessa faixa etária, nesse sentido a Estratégia de Saúde da Família (ESF) vem se fortalecendo na saúde pública (BRASIL, 2015). Essa estratégia tem como objetivo reorganizar a atenção básica no Brasil por meio de uma equipe interdisciplinar de Saúde da Família, composta por médico, enfermeiro, técnico em enfermagem e agente comunitário de saúde (ACS) (BRASIL, 2012). Essa equipe é responsável pelo cadastro e acompanhamento das famílias, considerando os fatores sociais, econômicos e ambientais no processo saúde-doença (BRASIL, 2009). A ESF é de fundamental importância para a saúde das famílias acompanhadas, inclusive em relação à alimentação complementar (AC), atuando no combate aos problemas nutricionais.

Contudo, é imprescindível que os profissionais estejam devidamente capacitados para orientação da comunidade, no que diz respeito à alimentação nos primeiros dois anos de vida. Para isto, as Unidades Básicas de Saúde (UBSs) devem ter uma infraestrutura que contribua para uma efetiva capacitação das equipes de ESF sobre o tema. Portanto, o objetivo desse estudo foi identificar treinamentos efetuados, recursos humanos e materiais disponíveis para orientação sobre AC em UBSs da zona urbana da cidade de Pelotas, RS.

2. METODOLOGIA

Estudo transversal descritivo, realizado em UBSs na zona urbana da cidade de Pelotas, RS, com ESF ou Estratégia de Agentes Comunitários de Saúde,

totalizando 29 estabelecimentos elegíveis para o estudo. Esta pesquisa faz parte de um projeto de pesquisa maior intitulado “O Agente Comunitário de Saúde como interlocutor da Alimentação Complementar”.

Para cada UBS foi selecionado um profissional de nível superior responsável por responder o questionário. A coleta de dados ocorreu no mês de outubro de 2015 a março de 2016, todas as entrevistas foram realizadas pela supervisora do estudo, devidamente treinada para aplicação do instrumento.

As variáveis analisadas foram: profissão do entrevistado (médico, enfermeiro, nutricionista), número de turnos de atendimento da UBS (1/2/3), existência de: grupo de gestantes com abordagem sobre o tema, atendimento de puericultura; protocolo de atendimento sobre AC e se presente, qual o responsável pela elaboração desse material (instituições governamentais/profissionais de saúde), presença de profissional capacitado para orientação sobre AC (nutricionista/pediatra) e também se a UBS recebeu treinamentos sobre AC, com intuito de saber por quem foram elaborados, para quem, a carga horária e o tempo desde o último treinamento. Os entrevistadores levaram as capas impressas e plastificadas dos materiais sobre alimentação do Ministério da Saúde a fim de facilitar a identificação e verificar a existência dos mesmos na UBS.

Os dados foram duplamente digitados no Software EpiData 3.1 e analisados no programa Stata 12.0. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas sob protocolo número 1.215.463, além disso, foi solicitada autorização à Secretaria Municipal de Saúde e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelo entrevistado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo incluiu todas as UBSs da zona urbana, totalizando 29 unidades.

A maioria dos questionários foi respondida por enfermeiros (72,4%) e o funcionamento predominante na UBS foi dois turnos (82,8%). Mais da metade das UBSs tinha grupo de gestantes (51,7%), sendo que 24,1% deles abordavam o tema AC e todas informaram possuir puericultura no local.

Em relação aos protocolos de atendimento sobre AC, 68,9% possuíam algum protocolo de orientação sobre AC, sendo provenientes de instituições governamentais, profissionais de saúde ou de ambos. Quinze UBSs relataram o nutricionista como sendo o profissional capacitado para orientar sobre AC e seis, o pediatra. Mais de 95% das UBSs descreveram que a equipe de saúde tinha alguma dificuldade na orientação sobre AC, sendo 75% em relação à orientação para a família e o restante em relação à equipe de saúde.

Na Tabela 1, dados sobre os treinamentos realizados nas UBSs e na Figura 1 os materiais sobre AC presentes nas mesmas. Os resultados evidenciam a escassez de treinamentos para as equipes e destacam a falta de materiais contendo orientações sobre alimentação nos primeiros dois anos de vida. No estudo principal foi identificado que entre os ACSs entrevistados, poucos informaram conhecer os materiais de orientação sobre AC, mesmo tendo alguns responsáveis das UBSs indicado a existência desses materiais no local (SANTOS, 2016). Aliado ao fato de que, nem todas as unidades tinham, aquelas que informaram a existência dos materiais não os disponibilizava e/ou divulgava para os profissionais de saúde do local.

Uma limitação a ser considerada neste estudo, é o fato de que o Caderno de Atenção Básica, Saúde da criança: nutrição infantil, nº 23 utilizado como fonte

de referência foi uma versão anterior, visto que a versão nova foi lançada no mesmo mês de início do trabalho de campo.

Tabela 1. Descrição dos dados sobre treinamentos realizados em Unidades Básicas de Saúde com ESF na zona urbana da cidade de Pelotas, 2016. (n=29)

Variáveis	N (%)
Treinamento	
Não	23 (79,3)
Sim	06 (20,7)
Responsável pelo treinamento	
Instituição Governamental	03 (10,3)
Instituição de Nível Superior	02 (6,9)
Nutricionista	01 (3,4)
Carga horária do treinamento (horas)	
1-4	04 (13,8)
> 4	02 (6,9)
Data do treinamento (meses)	
1-12	02 (6,9)
> 12	04 (13,8)
Profissionais que receberam o treinamento	
Agente comunitário de saúde	03 (10,3)
Enfermeiro	02 (6,9)
Nutricionista	02 (6,9)

*ESF: Estratégia saúde da Família ou Equipe de Saúde da Família.

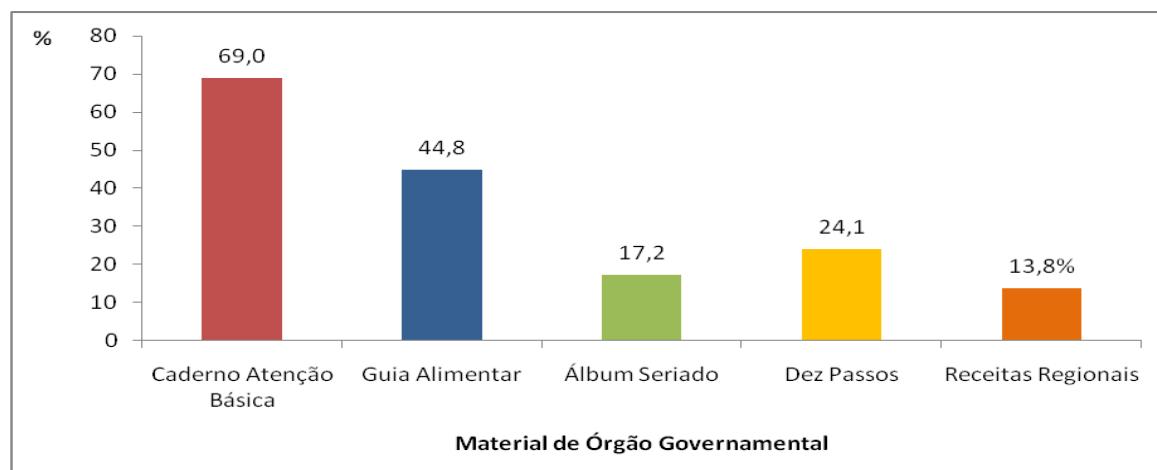


Figura 1. Materiais de orientação sobre Alimentação Complementar oriundos de órgãos governamentais existentes nas Unidades Básicas de Saúde de Pelotas, 2016. (n=29)

*Caderno de Atenção Básica - Saúde da Criança nº 23: Aleitamento Materno e Alimentação Complementar, 2º edição **Guia Alimentar para menores de dois anos ***Alimentação Saudável para crianças menores de dois anos – Álbum Seriado ****Dez Passos para alimentação saudável para menores de dois anos *****Receitas Regionais para criança de 6 a 24 meses

4. CONCLUSÕES

Escassez de treinamentos sobre AC nas UBSs, dificuldade da equipe de saúde sobre orientação de AC e o fato de que nem todas as UBSs tinham material de orientação de órgãos governamentais merecem atenção. Os resultados indicam a necessidade de intervenções de capacitação sobre AC para os profissionais de saúde gerando conhecimento que possa ser transmitido para a comunidade, bem como, distribuição de materiais educativos para todas as UBSs garantindo fácil acesso aos mesmos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROSSI, A; MOREIRA, E. A. M; RAUEN, M.S. Determinantes do comportamento alimentar: uma revisão com enfoque na família. **Revista de Nutrição**. V.21, n.6, p. 739-48, nov/dez. 2008.

BRASIL. **Guia alimentar para menores de dois anos de idade**. Distrito Federal: Ministério da Saúde. 2002. Acessado em 27 set. 2017. Online. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_criancas_menores_2anos.pdf

KARNOOPP, E.V.N et al. Food consumption of children younger than 6 years according to the degree of food processing. **Jornal de Pediatria (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 93, n. 1, p. 70-78, Feb. 2017.

BRASIL. **Caderno de Atenção Básica nº23 - Saúde da Criança: Aleitamento Materno e Alimentação Complementar, 2º edição**. Distrito Federal: Ministério da Saúde. 2015. Acessado em set. 2017. Online. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf

BRASIL. **Política Nacional de Atenção Básica**. Distrito Federal: Ministério da Saúde. 2012. Acessado em 27 set. 2017. Online. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>

BRASIL. **O trabalho do agente comunitário de saúde**. Distrito Federal: Ministério da Saúde. 2009. Acesssado em 27 set. 2017. Online. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/manual_acs.pdf

SANTOS, FS. **O agente comunitário de saúde como interlocutor da alimentação complementar**. Pelotas, 2016. 119 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos, Faculdade de Nutrição, 2016.